
Pensamento comunicacional e informacional: Rubens Borba de Moraes no pioneirismo das informações e estudos sobre o livro e a leitura no país

Tamara de Souza Brandão Guaraldo*

RESUMO

Esse artigo apresenta a biobibliografia de Rubens Borba de Moraes, paulista, escritor, bibliófilo, bibliotecário, que exerceu múltiplas atividades relacionadas à área da leitura e do livro no país. Foi um dos organizadores da Semana de Arte Moderna de 1922, atuou na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, na Biblioteca da ONU em Nova York e, posteriormente, no Centro de Informações desse órgão em Paris. Considera-se que o autor, referência no estudo do livro, de obras raras e da leitura, também contribuiu para que as primeiras produções editoriais brasileiras fossem registradas e divulgadas no Brasil e no mundo.

Palavras-chave: Rubens Borba de Moraes. Biografia. Bibliografia. Imprensa Régia.

Doutoranda em Ciência da Informação Unesp – Marília/SP. Bolsista CAPES.
Jornalista. Email: tamaraguaraldo@gmail.com

INTRODUÇÃO

Rubens Borba de Moraes (1899-1986) foi bibliófilo, bibliógrafo, bibliotecário e ensaísta paulista. Além dessas atividades, exerceu muitas outras, como jornalista, professor, sempre promovendo a questão da leitura e atuando no âmbito cultural e político. Sua contribuição à cultura e a história do livro e da leitura no país o colocam no patamar dos grandes pioneiros que elevaram a produção brasileira na área, atraindo o interesse de especialistas estrangeiros a um tema que carecia de bibliografia em sua época: o estudo do impresso e de obras raras no panorama nacional.

Esse artigo pretende apresentar a biobibliografia de Rubens Borba de Moraes, com especial enfoque à sua contribuição ao pensamento comunicacional e informacional, destacando duas de suas obras em particular: a *Bibliografia Brasileira*, até hoje referência no estudo da história do livro no país, e a *Bibliografia da Imprensa Régia*, em que lista as principais obras publicadas a partir da implantação da imprensa no Brasil.

Para tanto foi realizada uma pesquisa bibliográfica com o objetivo de levantar informações sobre o autor e sua obra. Foram consultadas biografias sobre o autor, obras de referência, como a Enciclopédia Itaú Cultural literatura brasileira, publicações periódicas e a Internet. Lembrando que:

A pesquisa bibliográfica não é mero levantamento e resumo de autores, nem mera colagem de partes de obras ou de textos da internet. A pesquisa, acima de tudo, é um exercício de síntese e diálogo. Trata-se de um processo de estudo e escrita própria em que se deve privilegiar a reflexão própria que vai surgindo do contato com as fontes bibliográficas e do confronto com a observação sistemática da realidade e que culmina com a elaboração escrita (DMITRUK, 2004, p. 72).

Assim, este estudo, ao discutir a vida e a obra de Rubens Borba de Moraes a partir de textos já trabalhados por outros escritores e pesquisadores, pretende demonstrar sua contribuição à história cultural e intelectual de uma época.

BIOGRAFIA

Rubens Borba de Moraes era descendente de Borba Gato, filho de uma família “quatrocentona” paulista. Nascido em 23 de janeiro de 1899 em Araraquara, interior de São Paulo, faleceu em 1986 em Bragança Paulista.

Sua biografia foi publicada postumamente com o título de *Testemunha*

Ocular (Recordações), Briquet de Lemos Editor, 308 págs.; em que suas memórias incompletas mostram porque sua vida ficou associada aos livros e à história da Biblioteconomia brasileira.

Como membro da elite paulista, Rubens Borba de Moraes teve educação europeia, e fez sua graduação em letras na Universidade de Genebra, concluída em 1919. Foi um dos organizadores da Semana de Arte Moderna de 1922, mas por ter contraído febre tifoide, não pôde participar do evento.

Ao terminar o curso primário em Paris, continuou os estudos em Genebra, um refúgio na Europa atingida pela Primeira Guerra Mundial. Lá estudou em um colégio de tradição calvinista, travando contato com artistas e intelectuais e só voltou para o Brasil em 1919, onde passou quase um ano “abrasileirando-se”. Teve de reaprender o português, pois só escrevia em francês. Um dos primeiros que reencontrou foi o seu amigo de infância Mário de Andrade, que aproveitou seu retorno, com uma bagagem de livros, para as reuniões de empréstimos de livros que reunia jovens em sua casa, todas as terças-feiras, entre 1921 e 1923.

Rubens Borba de Moraes emprestava a Mário de Andrade e aos colegas do grupo *Klaxon* a revista de Henri Barbusse, que assinava, e as publicações do grupo *Clarté*. Com sua leitura ajudou a divulgar entre os colegas as obras de Lafargue, Villiers de l’Isle Adam, Huysmans, Apollinaire, Claudel, Cocteau, Blaise Cendrars, Max Jacobs, entre outros autores cujos livros não se achavam nas livrarias de São Paulo.

Os frequentadores mais assíduos eram Guilherme de Almeida, Di Cavalcanti, Sérgio Milliet, Oswald de Andrade, Luis Aranha e Anita Malfatti. Borba de Moraes relembra, emocionado, o brilho de Mário de Andrade recitando seus versos. Com eles organizou a Semana de Arte Moderna de 1922.

Em suas memórias, fala do significado do modernismo paulista, em termos realistas, pois segundo o bibliófilo paulista, o século que começava tinha caráter fragmentário, e para ele, a arte moderna ainda não tinha realmente identidade. Seria como uma expressão do estilhaçar dos sentidos, acentuados pelas tecnologias que mudavam a fisionomia das grandes cidades.

De acordo com Borba de Moraes, a história literária que divide o movimento modernista paulista tem duas fases, antes e depois da Semana de Arte Moderna de 1922 e da revista *Klaxon*.

Em 1932 combateu na Revolução Constitucionalista, como segundo-tenente, em embates na região do Vale do Paraíba. Este fato fez dele um pacifista, como registrou em suas memórias ao lembrar a chamada “guerra constitucionalista”:

“Não há heroísmo em matar pobres diabos que estão padecendo o que você padece, suarentos e fedidos como você, enganados como você pelos discursos dos que ficaram confortavelmente em casa falando, falando, falando. (...) Dá vontade de ir para bem longe e esquecer tudo, apagar esta passagem suja de nossa vida. Os políticos que fiquem com os proveitos, eles merecem, foram eles que fizeram toda esta bagunça imunda e sangrenta”.

Também foi biografado por Suelena Pinto Bandeira em obra lançada no final de 2007: *O mestre dos livros: Rubens Borba de Moraes*. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2007. Nesta obra, a autora destaca o “bibliotecário dos bibliotecários”, o primeiro bibliotecário, bibliógrafo e bibliófilo brasileiro a alcançar reconhecimento internacional. Como bibliotecário Rubens Borba deixou a marca de sua presença na reforma organizacional e na construção do edifício da hoje Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, sua biógrafa afirma que:

A lição que Rubens Borba de Moraes nos deixa, para além do limite da biblioteconomia, da bibliofilia e da bibliografia, faz-nos crer que o entusiasmo, a capacidade e o amor ao trabalho são os fatores que impulsionam o homem para que este se faça dono do seu próprio destino, e, como tal, útil aos seus contemporâneos e modelar para quem vem depois (BANDEIRA, 2007, p. 104).

Foi sua biógrafa quem revelou ao também bibliófilo Briquet de Lemos, que entre os livros que Borba de Moraes vendeu ao colecionador José Mindlin estavam originais contando episódios de sua vida. E o editor Briquet percebeu que a vida de Borba de Moraes era de interesse público, publicando *Testemunha Ocular*.

Borba de Moraes era um universalista que só passou a colecionar e produzir material bibliográfico sobre o país, quando de seu retorno, pois percebeu que tinha pouco conhecimento da cultura e da história brasileira. Esse foi o ponto inicial de uma trajetória de empenho por uma cultura da leitura, da formação de leitores, da história dos livros e de sua promoção, atuando em importantes instituições do Brasil e do mundo.

LITERATURA E PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA: OBRAS PIONEIRAS

O escritor colaborou para a criação de importantes revistas literárias como a *Revista Klaxon*, de 1922, e a *Revista de Antropofagia*, de 1928. Em 1924, publicou seu primeiro livro de ensaios, intitulado *Domingo dos Séculos*. Integrou o grupo idealizador da revista literária *Terra Roxa e Outras terras*. Em 1940 traduziu *Viagem*

à *Província de São Paulo e Resumo das Viagens ao Brasil, Província Cisplatina e Missões do Paraguai*, do botânico francês Augustin François Cesar Prouvençal de Saint-Hilaire (1779 - 1853). Dirigiu a partir de 1941, a coleção *Biblioteca Histórica Brasileira*, da Livraria Martins Editora. Ao ser nomeado diretor do Centro de Informações da ONU em Paris, dirige o *Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros*, com o crítico de literatura e arte William Berrien (1898 - 1966). Em 1965 publicou o folheto *Elementos de Biblioteconomia*.

Em 1972, tem sua tradução editada da obra *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*, do pintor francês Jean Baptiste Debret (1768 - 1848), com a participação do crítico Sérgio Milliet (1898 - 1966). Neste ano também publica o artigo “*Sérgio Milliet e sua Geração*”, no Boletim Bibliográfico da Biblioteca Municipal Mário de Andrade.

Publicou em 1979 o livro de correspondências *Lembrança de Mário de Andrade: 7 Cartas* e republicou em 1981 a obra *O Problema das Bibliotecas Brasileiras* (texto original de 1943) no Boletim Bibliográfico Biblioteca Municipal Mário de Andrade. Neste ano foi eleito membro da Academia Paulista de Letras.

Foi em 1958 que publicou a obra que viria a ser referência na história e estudo dos livros no país: *Bibliographia Brasiliana: Rare Books about Brazil, Published from 1504 to 1900 and Works by Brazilian Authors of the Colonial Period*. Esta obra se tornou o principal documento de referência para os estudiosos de livros raros que enfocam o Brasil. A obra, originalmente editada em inglês, ganhou sua primeira versão em português em 2010 pela Edusp, a editora da Universidade de São Paulo (USP), o livro em dois volumes se baseia na segunda edição em inglês revista e ampliada por Borba de Moraes em 1983. A *Bibliographia Brasiliana* é há anos padrão de referência internacional para bibliotecários, pesquisadores e livreiros. Isso destaca o autor como precursor de estudos na área de produção editorial e impressa no país, tema que atrai a atenção de estudiosos da área de Comunicação, Ciência da Informação, História e Letras.

Foi longe do país que Borba de Moraes sentiu a necessidade de organizar obras de referências bibliográficas para estudiosos e pesquisadores, que ainda não existiam na época. E assim, se tornou um raro elaborador de bibliografias, ou bibliógrafo, e foi um dos organizadores do *Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros*, que reuniu os mais importantes intelectuais do país em 1949, compilando informações até hoje indispensáveis aos pesquisadores. Esse manual tem mais de cinco mil referências sobre o Brasil, e como muitas obras do autor foi publicado originalmente em inglês e só depois em português (SALIBA, 2011).

Publicou também, *Bibliografia Brasileira do Período Colonial: Catálogo Comentado das Obras dos Autores Nascidos no Brasil e Publicados Antes de 1808*

– 1969, obra que registra 745 obras de autores brasileiros publicadas até o ano de 1808, quando, com a chegada de D. João VI encerra-se o chamado período colonial (FONSECA, 1979). Quanto à literatura, nesta obra o autor revela informações valiosas como a do número exato das edições – inclusive em outras línguas - de *Marília de Dirceu*, e aponta o primeiro livro impresso no Brasil: “REVELAÇÃO DA ENTRADA QUE FEZ O EXCELENTÍSSIMO E REVERENDÍSSIMO SENHOR DR. FR. ANTONIO DO DESTERRO MALHEYRO” de autoria do doutor Luiz Antônio Rosado da Cunha, que era, entretanto, português. Foi publicado no Rio de Janeiro na oficina de Antônio Isidoro da Fonseca no ano de 1747. Embora autorizado pelo bispo, teve toda a sua edição apreendida e, em parte, destruída. Quanto ao livro, Nery da Fonseca (1979) afirma que o mesmo tem 20 páginas e no mundo todo existem apenas três exemplares: um na Biblioteca Pública de Nova York, outro no Ministério das Relações Exteriores e o terceiro pertencia a Rubens Borba de Moraes. Para Fonseca (1979, p.8) isso demonstra que “O autor da BIBLIOGRAFIA BRASILEIRA DO PERÍODO COLONIAL é, como se vê tão competente na bibliografia quanto feliz na bibliofilia”. Também com essa temática, publica *Livros e Bibliotecas no Brasil Colonial*, em 1979.

Outra obra sua, *O Bibliófilo Aprendiz*, de 1965, é um guia indispensável para os amantes do livro, ganhou várias reedições e até hoje pode servir como excelente introdução ao universo da leitura, pois fala do prazer de colecionar livros.

Postumamente foram publicados os livros: *O Brasil de Rugendas* (com Antônio Carlos Villaça e Sérgio Milliet) em 1991; *O Brasil de Debret* (com Antônio Carlos Villaça e Sérgio Milliet) em 1993.

A BIBLIOGRAFIA DA IMPRESSÃO RÉGIA E SUA CONTRIBUIÇÃO AO PENSAMENTO COMUNICACIONAL:

A Bibliografia da Imprensa Régia: 1808-1822, reorganizada e finalizada pela historiadora Ana Maria Camargo, seguiu o destino das outras publicações e foi editada apenas postumamente, em 1993.

É essa obra que coloca Rubens Borba de Moraes em papel de destaque para o pensamento comunicacional do país, pois, ao levantar a produção da Imprensa Régia quando do aporte da família real, o autor lançou luz sob um tema até então abordado sob outro viés por jornalistas e historiadores. Apesar de a Imprensa Régia ser considerada um marco da história da imprensa no Brasil e ter sido alvo de um estudo clássico e sistemático de José Marques de Melo: *Sociologia da imprensa*

brasileira: a implantação, de 1973, pode-se afirmar que Rubens Borba de Moraes foi o primeiro a dedicar-lhe um estudo específico sobre a sua produção impressa, um verdadeiro trabalho de documentação.

A Impressão Régia foi implantada junto a várias outras medidas governamentais que auxiliaram as atividades administrativas da Coroa Portuguesa, transformações necessárias num país que era ainda bastante limitado em relação à infraestrutura social e econômica (MELO, 1973, p. 84).

A imprensa veio junto com a família real, a bordo da nau *Meduza*, e não ficou limitada a impressão de documentos oficiais, pois D. João autorizou impressos comerciais como folhinhas, almanaques, letras de câmbio, avisos mercantis, e também livros, opúsculos, já que não havia outra tipografia no Brasil. A preferência na impressão, contudo, era de impressos administrativos. No decreto real de 13 de maio de 1808 foram especificadas as funções de impressão exclusiva de toda legislação e papéis diplomáticos que procedessem da administração real, como descreve Borba de Moraes:

Assim é que apareceu a RELAÇÃO DOS DESPACHOS PUBLICADOS NA CORTE PELO EXPEDIENTE DA SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS... a primeira publicação da Impressão Régia. Esse “incunábulo” brasileiro, muito raro, contém em todas as suas páginas (salvo uma) a lista das nomeações, promoções, reformas etc. de oficiais do Exército em todo o território brasileiro desde a chegada da Corte ao Brasil até 13 de maio de 1808. Numa de suas páginas vem uma lista de decretos e cartas régias sobre medidas gerais de administração, incluindo a própria criação da Impressão Régia. Como se vê, não é nenhuma obra literária. Mas o “incunábulo” merece ser lembrado pelo seu próprio mérito (MORAES, 1993, p. XVIII)

Em 1808 a Impressão Régia publicava as primeiras obras: “Memória histórica da invasão dos francezes”, de autoria anônima, atribuída ao bispo do Rio de Janeiro, D. José Caetano da Silva Coutinho; e “Observação sobre o Comércio Franco do Brasil”, de Silva Lisboa (MORAES, 1993). Moraes (1993) e Sodré (2007) comentam o fato da administração da Impressão Régia contar com uma junta de censores que examinavam os papéis e livros a serem impressos, para que não se publicasse nada contra a religião, o governo e os costumes vigentes: “Era a censura. Nada se imprimia sem o exame prévio dos censores reais, frei Antonio de Arrábida, o padre João Manzoni, Carvalho e Melo, e o infalível José da Silva Lisboa” (SODRÉ, 2007, p. 19).

Sublinha-se que a tipografia da Impressão Régia dedicava-se a impressão de material distinto: publicava tanto livros como folhetos, avisos, editais, jornais e revistas no século XIX. “Daqueles prelos saiu todo tipo de impresso, inclusive, em

1813, a segunda revista periódica do Brasil, *O Patriota, Jornal Literário, Político e Mercantil*” (MARTINS; LUCA, 2006).

E também livros que auxiliaram o ensino superior com a divulgação da ciência, pois a criação da Academia e a nomeação de professores eram insuficientes: “[...] era preciso ter livros para os alunos. Surgia no Brasil o problema do livro didático. Para resolvê-lo, a Imprensa Régia publicou uma série de manuais franceses para “uso dos alunos”, como consta em suas páginas de rosto” (MORAES, 1993, p. XXIII).

Quanto à literatura, Rubens Borba de Moraes relata que se trata da maior produção da Imprensa Régia: contabilizando peças de teatro, poesias, folhetos de cordel e romances, literatura infantil. A Imprensa Régia publicou mais de 20 romances entre 1810 e 1818, sendo o primeiro, *O Diabo Coxo*, de Lesage, em 1810 (MORAES, 1993, p. XXIX).

Hoje o mercado editorial de livros, revistas e da publicação de jornais e materiais gráficos encontram-se em âmbitos distintos, o que pode nos levar a esquecer que a literatura e a imprensa periódica começaram juntas em 1808 na Imprensa Régia: “E também que a primeira se beneficiou enormemente da segunda para sua difusão, em forma de folhetim, durante todo o século XIX e o início do XX” (COSTA, 2005, p. 14).

A Imprensa Régia, segundo Melo (1973) era limitada e medíocre, com impressão abrangendo livros, jornais, papéis de expediente, sermões, avulsos insignificantes, impressos numa só página. No entanto, Rubens Borba de Moraes (1993) defendia a sua importância, destacando que a instituição, apesar das limitações, funcionou nas primeiras décadas do século XIX como uma verdadeira casa editora, publicando toda sorte de material impresso, obras de relevo e com qualidade de impressão. Em 1809 foram construídos prelos de madeira porque os vindos de Lisboa já não davam conta dos trabalhos: “Trabalho não faltava, mas a capacidade da oficina não permitiu a publicação de mais de umas poucas obras anuais entre 1808 e 1820” (MORAES, 1993, p. XX). A Revolução do Porto em 1820 trouxe relativa liberdade de imprensa, abrindo caminho à Independência, e aumentando a produção de folhetos políticos. Em 1821 a tipografia produziu 458 trabalhos e em 1822, 514. Contudo, como conta Moraes (1993), a Imprensa Régia estava sempre com o trabalho atrasado e originais à espera.

Entre 1821 e 1822 recebeu novos prelos vindos da Inglaterra e Estados Unidos, porém eles não aliviaram os trabalhos de impressão (MORAES, 1993). Até 1822 a Imprensa Régia contabilizou trabalhos de impressão que incluíam livros, avulsos, jornais, opúsculos (SODRÉ, 2007).

Apesar dos novos prelos, a Imprensa Régia tinha dificuldade de imprimir a tempo a legislação governamental e sobrava pouco tempo para a impressão de livros e folhetos de particulares. Por isso, para Rubens Borba de Moraes (1993) é preciso

ter em mente que a tipografia era uma imprensa oficial cuja tarefa principal era publicar os atos do governo.

Bahia (1990) afirma que a tipografia da Impressão Régia atendia clientes e imprimia livros, documentos oficiais, editais, com encomendas, inclusive, atropeladas pela impressão de cartas de baralho. Para Rubens Borba de Moraes (1993) foram as cartas de baralho que permitiram a Impressão Régia sobreviver, pois essa sempre teve dificuldades financeiras, sendo aliviada pela aquisição da Fábrica de Cartas de Jogar em 1811.

A Impressão Régia, segundo o autor, não era limitada a publicar atos oficiais e desempenhou importante papel na produção impressa do país, pois atuava nessa época como uma casa editora, imprimindo todo tipo de material, de oratória sacra a livros didáticos, literatura e imprensa periódica, folhetos, avulsos, impressos administrativos e cartas de baralho:

Muitos historiadores e jornalistas, sem se dar ao trabalho de avaliar a produção da Impressão Régia com cuidado, proclamam que nada produziu de valor cultural. Alguns admitem que de seus prelos saíram alguns bons livros. O balanço rápido e incompleto que fizemos demonstra o contrário. A Impressão Régia foi uma excelente editora: publicou dezenas de livros de real valor cultural, fez conhecer os poetas famosos, em moda em Portugal, imprimiu os versos dos nossos, lançou o romance e a novela no Brasil, resolveu o problema do livro didático para o ensino superior inaugurado no Rio de Janeiro e cumpriu sua missão principal quanto à legislação. Não há exagero em afirmar que somente na segunda metade do século XIX, quando Leuzinger e Laemmert estavam no auge, é que tivemos editoras comparáveis (MORAES, 1993, p. XXX).

O aumento das tipografias, dos títulos de periódicos e da circulação de livros após 1821, também demonstrou a existência de um público leitor, que embora ainda restrito, acompanhou o início do desenvolvimento das cidades e da implantação do ensino. Para Mindlin (1993) Rubens Borba de Moraes prestou, com essa obra, um serviço importantíssimo à cultura brasileira, e completamos, ao pensamento comunicacional e informacional, pois preencheu uma lacuna de informação sobre o início da imprensa no Brasil, além de oferecer um retrato da sociedade da época. A falta da imprensa, diz Mindlin (1993), dificultava o desenvolvimento político e cultural do país, já que os livros importados atingiam pequena parcela da população. Rubens Borba de Moraes estudou a Impressão Régia durante boa parte de sua vida, e seu estudo demonstrou que a mesma não foi restrita a impressão de documentos oficiais, abrindo caminho para um mercado de livros que antes dela, inexistia. O seu olhar documentalista valorizou e garimpou o que outros estudos ainda não haviam revelado: documentar a diversidade de material impresso pela Impressão Régia, saber que a maior parte de sua produção estava dividida entre atos oficiais e literatura, e

dar a conhecer esses materiais pela sua reprodução e descrição minuciosa. Daí que sua contribuição ao pensamento comunicacional e informacional está vinculada a seus estudos sobre o livro no Brasil e sobre a Impressão Régia, sendo sua obra imprescindível aos estudiosos da história do livro, da leitura e da produção editorial, assim como dos primórdios da imprensa no país.

GESTÃO DA INFORMAÇÃO: ATIVIDADES NA PROMOÇÃO DAS PRÁTICAS DE LEITURA E INFORMAÇÃO

Em suas atividades na área de gestão da informação, planejou com Mário de Andrade a Biblioteca Municipal de São Paulo e o inovador sistema de dez bibliotecas pelos bairros da cidade. Também implantou sistemas de catalogação numa época em que essa atividade era intuitiva.

Destaca-se o cargo de diretor da atual Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade, que Rubens Borba de Moraes assumiu em 1935 e permaneceu no cargo até 1943. Em sua gestão teve início o plano de implantação de uma rede de bibliotecas na cidade de São Paulo, além de participar da fundação do Departamento de Cultura de São Paulo, atual Secretaria Municipal. Em 1936 organizou e lecionou no curso de Biblioteconomia da cidade de São Paulo¹, que auxiliou a organização e documentação do acervo do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo. Dois anos depois fundou a Associação Paulista de Bibliotecários.

Rubens Borba de Moraes procurava realizar, a frente de sua atuação nas bibliotecas, ações para que essas fossem acessíveis à população. O projeto da Divisão de Bibliotecas, chefiada por Borba de Moraes a partir de 1935, era o de desenvolver uma rede de bibliotecas, com uma biblioteca central, no caso a Biblioteca Pública Municipal, voltada ao apoio à pesquisa, mas sem empréstimo de obras; uma biblioteca infantil, destinada à Infância e Juventude; bibliotecas populares, em bairros, para que a população realizasse empréstimo de obras diversas; bibliotecas circulantes, montadas em carros adaptados e que levariam livros à população. Com o advento do Estado Novo, as bibliotecas populares não chegaram a sair do papel.

No cenário da década de 1930, com o acesso ao livro ainda dificultado pela escassa oferta, a iniciativa de criar uma rede de bibliotecas mostrou-se eficiente permitindo que a população pudesse ter acesso a obras variadas. De modo geral, as ações no campo das bibliotecas relacionam-se à preocupação com a formação de um público leitor. Para

1 Esse foi o segundo curso de Biblioteconomia do país, sendo o primeiro implantado na Biblioteca Nacional em 1915.

formar esse público, Rubens Borba de Moraes preocupou-se com a criação de acervos que pudessem atrair leitores das diversas camadas sociais, uma vez que grande parcela da população era afeita, sobretudo, ao caderno de esportes e às páginas policiais dos jornais. Deve-se observar que, apesar da biblioteca preocupar-se em atrair leitores diversos, com coleções que incluíam até mesmo publicações sobre viagens, havia preocupação com o aprimoramento cultural da população e não com o mero oferecimento de leituras utilitárias (VIANA, 2011, p. 101).

A biblioteca circulante, iniciada em fevereiro de 1936, foi uma ideia arrojada para a época, e pretendia promover a leitura nos parques, de materiais diversos, como livros, jornais e revistas, sem burocracia. Funcionava numa caminhonete adaptada que transportava os livros e parava em parques e jardins da cidade. Funcionários atendiam o público num roteiro que ia do Jardim da Luz, à Praça da República e aos Parques Siqueira Campos e D. Pedro II. O carro adaptado contava com aproximadamente 900 volumes. Era uma espécie de propaganda da Biblioteca Municipal, pois servia de atrativo para que o leitor interessado quisesse conhecê-la.

A biblioteca circulante, apesar de alvo de críticas daqueles que viam a leitura como um ócio, foi aceita pela população, chegando a atender 25.126 pessoas no ano de 1936, número bastante significativo. Porém, em 1942, a Biblioteca Circulante foi desativada, segundo os jornais, pela falta de gasolina, consequência da Segunda Guerra Mundial (VIANA, 2011).

Para sua biógrafa, no entanto, também houve a questão política, já que o fato se deu em meio ao Estado Novo: “O carro-biblioteca foi desativado, em 1942, pelo prefeito Prestes Maia sob a alegação de que o automóvel ficava imobilizado, horas a fio, (...) proporcionando romances policiais a uma dúzia de vagabundos escanchados nos bancos da Praça da República” (BANDEIRA, 2007, p. 35).

Contemplado com uma bolsa da Fundação Rockefeller, Borba de Moraes partiu para estudar Biblioteconomia nos Estados Unidos, em 1939, onde também fez estágios na área, e retornou a Biblioteca Pública Municipal. Em 1945 foi nomeado diretor da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, ocupando o cargo até 1947. A sua gestão vanguardista remodelou a organização e a metodologia da instituição. Sofreu interferências políticas e foi afastado do cargo, mas seu trabalho já havia sido reconhecido internacionalmente, pois foi convidado para o cargo de vice-diretor da Biblioteca da Organização das Nações Unidas - ONU, em Nova York entre 1948 e 1949. Logo depois foi nomeado diretor do Centro de Informações da ONU, indo para Paris, até 1954. Retornou a Nova York como diretor da Biblioteca da ONU, até se aposentar em 1959.

Trabalhou como professor na Universidade de Brasília (UnB) entre 1963 e 1970. Recebeu o título de professor emérito na UnB em 1974 e no ano seguinte foi escolhido como presidente de honra do 8º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, em Brasília.

Em 1986, faleceu em Bragança Paulista, São Paulo, e deixou seu acervo para a Biblioteca José Mindlin. Em 1987 recebeu postumamente o Prêmio Internacional de Bibliografia Portuguesa Manoel Cordeiro, da Universidade de Syracuse, em Nova York.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como descrever uma personalidade de múltiplos perfis? Impossível limitar um autor como Rubens Borba de Moraes a um único papel, sendo o mesmo “inclassificável”. Seu legado inclui desde contribuições à cultura brasileira, como sua participação na organização da Semana de Arte Moderna de 1922, com seu perfil pragmático, até seus próprios escritos, ensaísticos e documentais sobre a história do livro no país.

Valorizar sua história é especialmente digno quando se percebe que sua trajetória buscou tanto dinamizar o acesso à informação num país que começava a se preocupar com a educação e a cultura, quanto preservar a memória, documentando o que até então não havia sido objeto de estudo sistemático. Assim, o autor é ainda referência atual no que se refere ao estudo do livro, da leitura e história literária no país, pois sua obra trata de um conjunto de leituras preparado com o objetivo de colocar ao alcance do leitor textos que se encontram em obras de difícil acesso. Ao pesquisar em fontes diversas e muito dispersas, informações, testemunhos e estudos sobre o livro, as bibliotecas no Brasil colonial e a Impressão Régia, ele nos ofereceu o primeiro trabalho de síntese e sistematização sobre importantes e até então pouco estudados aspectos de nossa história cultural e comunicacional. O autor, em seu empenho e sua obra, colaborou também para recuperar a memória nacional de autores e instituições que foram muitas vezes pouco lidos ou compreendidos.

REFERÊNCIAS

BAHIA, J. **Jornal, história e técnica**. História da Imprensa brasileira. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990.

BANDEIRA, S. P. **O mestre dos livros**: Rubens Borba de Moraes. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2007.

CUNHA, M.B.. A atualidade de Rubens Borba de Moraes. **Ofaj.com.br**, 2009. Disponível em: http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=427. Acesso em: 15 maio 2011.

DMITRUK, H.B. Pesquisa bibliográfica e outros tipos de pesquisa. In: _____ . (Org.) **Cadernos metodológicos**: diretrizes do trabalho científico. 6.ed. Chapecó: Argos, 2004. p. 67-76.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL LITERATURA BRASILEIRA. **Rubens Borba de Moraes**. Biografia. Verbetes. 2009. Disponível em: http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_lit/index.cfm?fuseaction=biografias_texto&cd_item=35+&cd_verbete=5751 Acesso em: 10 maio 2012.

FONSECA, E.N. Rubens Borba de Moraes e a bibliografia brasileira. **Revista de Biblioteconomia**, vol. 07, n. 1, jan-jun. 1979, Brasília. p. 05-08.

MARTINS, A.L.; LUCA, T.R. **Imprensa e cidade**. São Paulo: Unesp, 2006.

MELO, J.M. **Sociologia da imprensa brasileira**: a implantação. Petrópolis: Vozes, 1973.

MINDLIN, J. Apresentação. In: MORAES, R. B.; CAMARGO, A.M.A. **Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro**. São Paulo: Edusp, Kosmos, 1993. p. IX-X.

MORAES, R. B. **Testemunha ocular (recordações)**. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2011.

_____. A Imprensa Régia do Rio de Janeiro: origens e produção. In: _____ . ; CAMARGO, A.M.A. **Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro**. São Paulo: Edusp, Kosmos, 1993. p. XVII – XXXII.

_____. CAMARGO, A.M.A. **Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro**. São Paulo: Edusp, Kosmos, 1993.

SALIBA, E.T. A serventia dos livros. **Revista Carta Capital**, 26/04/2011. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/cultura/a-serventia-dos-livros/> Acesso em: 10 maio 2012.

SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**. 4 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

VIANA, L. Rubens Borba de Moraes e o Departamento de Cultura: novo paradigma às Bibliotecas Públicas brasileiras. **Revista CRB-8 Digital**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 99-110, abr. 2011 . Disponível em: <http://revista.crb8.org.br/index.php/crb8digital/article/viewFile/64/66> Acesso em: 10 maio 2012.